

THEATRO DO RIO NU

Collas, de monologos, narçoesas, scenas comicas e poesias

XXI

UM PROVERBIO DESMENTIDO

(Monologo)

« Não há rosas sem espinhos » Falso proverbio d'avo. Porqu' cujuro nos meus santinhos Que me tãho nem um só ! E sou Rosa, sim, senhor, Rosada p'ro meu papá, E mais bonita na cor Elle afirma que não ha ! Ainda me custa a crer — Diz a mamã, orgulhosa — Que me possa pertencer Das flores a mais formosa ! Mas o papá logo avança E diz todo derretido: — Para em botão vir de França... Fui eu quem fiz e pedido ! — Até mesmo ao meu priminho Já mais d'uma vez ouvi, Confessar que nem um 'spinho, Inda me encontrou aqui... (Indica a face)

E p'ro dizer tom razão, Garantil-o pôde bem, Porqu' no rosto e na mão... Não m' beija mais ninguém ! Ainda hoje, de manhã, Vendo o papá entredito A conversar co'a mamã, Fez-se um boçado atrevido... Quando o vi correr p'ra mim... De fugir tive descejo, Mas elle agorrou-se assim... (Indica que a abraça)

E sem eu qu'ler dou-me beijão / Deito eu tres... não abusou... O primo é tão meu amigo Que já pediu ao avô P'ro deixar casar commigo ! O avoinho muito riou... Também troçaram os manhos, Quando o primo me pediu Tendo só 16 annos ! (Batendo o pé)

Quero para mim o Alfredo ! Não me importa ter d'esp'rar, Se for enquanto inda é cedo... Posso mais tarde casar ! Que f'hoideio depois... Ha de ser um paraíso ! Havenos de ter os dois Tudo quanto for preciso ! Um de mim para passear Com cavallos muito finos, Criadas para tratar Dos Alfredos pequeninos... (Faz menção de piquete)

Porqu' eu criso que o priminho Terá tambem a lembrança, D'imitar o papasinho... N'um pedido para França ! Cá por mim tinha um gostinho, E' talvez vaidade minha, Que elle em vez d'um Alfredoinho M'offercesse uma Rosinha ! Era só p'ra desmentir O rifico aos avoinhos, E o taço papá possuir Mais uma rosa sem 'spinhos ! Mas tarde em sendo casada Tenham santa paciencia, Mas desejo ser tratada Sempre por Voessa Excellencia ! Não ha de ser como agora Que a criada me amolina, Lá em casa a toda a hora Com o nome de moçina ! Muito fôlle e risocho O mer futuro vai ser, Inda me parece um sonho O que está p'ra succeder ! (Dirigindo-se aos espectadores)

Os senhor's hão d'acceptar Ser do consorcio os padrinhos, P'ra' tambem testemunhar Que existem rosas sem 'spinhos.

Loteria Mineira Agave Americana — Premios: 600 11, 60 1, 20 1 garantidos pela sub-agencia geral, até no dia immediato ao da extracção. Vendem-se bilhetes e recebe-se encomendas até ás 4 1/2 horas da tarde, podendo os nossos freguezes receber os premios no mesmo dia da extracção. Casa Sabata, rua Gonçalves Dias n. 50.

MUSICA DE CAMARA

(Trad.)

E' o domingo do Grand-Frix. O sol de ouro expulso a chuva, repentinamente variada, e Paris sem carruagem está alegre como uma bonita cidade de provincia. Absolutamente só, n'esse pequeno quarto miseravel, o velho Espirat está perfectamente certo de que não possui nem o necessario para comprar um pão pequeno; mas isso é cousa que lhe não dá nenhum cuidado, porque tem a sua rabeca, effectivamente, toca rabeca.

Ao som da deusa musica apparece a floresta verde, e Pierrot que, sentado na herva, se atesta com um pastelão de gallinholas e bebe, com o mesmo fim, uma garrafa de vinho cor de rosa. E pouco a pouco, tocando sempre, Espirat sente que elle mesmo se tornou Pierrot; saboreia a caça delicada e a clara geléa transparente, cor de topazio, aromatizada com aniz. R' delahde que, passando e tornando a passar por detraz d'elle, Arlequin burliado com cara de fradiqueiro, e Colombina de gáirro e seu nantão botão de ouro, bebem de quando em quando no seu copo e lhe furtam qualquer bocacado; não deixa por isso de ter sempre o melhor quinhão. Mas he repente, crac ! estala uma corda. O velho musicio não tem em casa nenhuma de reserva; a que se partiu é curta de mais e não pode aproveitar-se, e Arlequin, Pierrot, Colombina, o pastelão, a floresta cheia de passaros tudo se dissipa e se desvaneca na poeira cinzenta do quarto, sob a triste fresta que a illumina. — Ora, diz Espirat em tom resignado, guardando a estimada rabeca, decididamente não almoço hoje !

TH. BARVILLE

FEITO NO ESCURO

Elle era branco e ella branca, Ambos claros como a luz... Casaram. Baile de arranca E pagadeira do trux...

O mais formoso dos ninhos Era a casa à beira mar, Onde, como dois pombinhos, Foram os dois arrullar.

Só ella... e um cozinheiro Que era d'primão Manoel. Crioulo lesto à ligeiro Obdiante... e fiel.

Alli, amor assentava Os seus doces arrallados, E o mar, gemendo, lobejava Aquelles beijos... e o mais.

Noves meses decorridos Uma noticia correu: Recusaram-se vagalhos E o morgadinho nasceu !

Que horror! que espanto! o menino, Filho d'aquella doleira, Era bello e pequenino Mas... preto como carvão !...

O marido, ardendo em chamma, Fugado chelo do féi, Quor allí mesmo na cama Estrangular a infel.

Rita, porém, que o conhece Pergunta — « Você que tom ? Você maluco parece... Reflêta um pouco, meu bem !

Bem lhe dizia eu, homem duro ! Porém, você a teimar... (Cheio o que é feito no escuro Sempre ha de escuro ficar !

Pois... o jobro pequenino... Feito de noite... bem vê... Cada qual tom seu destino... O culpado foi você... »

Tudo acaba um alegrão... Mas o Manoel, no fogão, Malicioso sorria E temporava o feijão.

O PECCADO

A Anacleta in caminho da igreja, muito atrapalhada, pensando no modo porque havia de dizer ao confessor os seus peccados... Taria a coragem de tudo ? E a pobre Anacleta tremia só com a idéa de cantar a menor daquellas cousas no severo padre Roxo. um padre terrivel, cujo olhar de coruja punha um frio na alma da gente. E a desventurada lá quasi chorando de desespero, quando já perto da igreja, encontrou a comadre Rita. — Abração, beijos... E lá ficaram as duas, no meio da praça, a seol, conversando. — Venho da igreja... Lá me confessei com o padre Roxo, que é um santo homem... — Ah! comadre ! — geracou a Anacleta — tambem para lá vou... e se soubesse com que modo ! Nem sei se teroi a osadida de dizer os meus peccados... Aquelle padre é tão rigoroso... — Historic, comadre, historias ! — exclama a Rita — vá com confiança e verá que o padre Roxo não é tão máo como se diz... — Mas é que os meus peccados são grandes... — E os meus entã, filha ? Olhe : disse-os todos e o Sr. padre Roxo me ouviu com toda a indulgencia... — Comadre Rita, todô o meu meço é da penitencia que elle me ha de impôr, comadre Rita... — Qual penitencia, comadre ! — diz a outra, rindo — são penitencias que elle impõe só ás brandas !... Quer saber ? contê-lhe que hontem o José Ferrador me deu um beijo na bocca... um grande peccado, não é verdade ? Pois sabo a penitencia que o padre Roxo me deu ?... mandou-me ficar com a bocca de molho na pia de agua benta durante cinco minutos... — Ah ! que estou perdida, senhora comadre, aíl que estou perdida ! — deanta a gritar Anacleta, rompendo num pranto convulsivo — Ah! que estou perdida ! A comadre Rita, espantada, tutta em vão socegar a outra : — Vama, comadre ! que tom ? entã que é isso ? soccege ! tenha modas ! que é isso que tom ? E a Anacleta, chorando sempre : — Ah, comadre ! é que, se elle me dá a mesma penitencia que

deu á senhora, — não sei o que hei de fazer ! — Porqu' filha ? porque ? — Porqu'... porque... afinal de contas... eu não sei como é que... hei de tomar um banho de asento na pia !...

PREMIOS DO «RIO NU»

No nosso penultimo numero foram premiadas : no Motte a concursa, D. PARIÑO que obteve o primeiro logar ; na Nossa adivinha foi K. O. POISS quem em primeiro logar conseguiu matar todas as questões. Ambos podem vir ao nosso escriptorio receber o premio.

A distribucção de premios publicados no numero passado sahiu errada. O do Motte a concursa pertence a D. TOMATE; quanto á Nossa adivinha, ninguém fez jus ao premio.

MOTTE A CONCURSO

Continua aberta esta açcção. Daremos em cada numero dois versos que devem ser glossados pelos concorrentes, obtendo, como premio, aquelle que melhor collocação tiver, um volume, a escoller da Collegação Popular Moderna, editada pelo livreiro Domingos de Magalhães.

O resultado deste concurso será sempre publicado com intervallo de um numero, recebendo nós as glossas até o dia da publicação do numero antecedente.

Para o motte : —

Rosa trepou na figueira E eu de baixo a pomba vi. —recebemos as seguintes glossas :

Na segunda ou terça-feira Q'rando figos apunhar, Na escada fui segurar; Rosa trepou na figueira Lá do cima, ella lampeira, Diz-me : Primo, eu descobri De pombos um ninho aqui. Olhe... veja... ou atrapalho ? Ella enfiou mada de gallo E eu de baixo a pomba vi ! D. PARIÑO

Toda catita e faceira Para pegar a pombinha, Quasi ao chegar a tardinha Rosa trepou na figueira ; Muito lesta e mi ligeira Ajudada por Mimi Qual mimoso bentevi... Ella foi devagarinho Levantando o seu pezinho E eu de baixo a pomba vi. A. A. NATIÇO

A' Rosa, bella trigueira Fugiu um dia uma pomba E, bem triste, já de tromba Rosa trepou na figueira Em que pensára, lampeira, A pomba cheia de si Sem querer sabir d'alli, Mas a Rosa nada achou Por que só p'ra cima olhou ; E eu de baixo a pomba vi ! ANABILLO

No tronco fiza uma figueira Uma pomba fizeram ninho Para pegar um pombinho, Rosa trepou na figueira, Que ficava mesmo a beira. Por acaso eu estava ali, P'ra ajudá-la me offrect; Ella contente accetou, Pois o pombinho agarrou, E eu de baixo a pomba vi ! D. TOMATE

Fugiu-lhe a pomba ligeira Para a figueira voando; Para apañal-a, em pouçando, Rosa trepou na figueira. Co' a moiga dama facinho, Eu tambem me ichava ali ; Junto ao tronco me encolhi, Ella os galhos percorria; Mas Rosa a pomba não viu E eu de baixo a pomba vi ! MARCO SANTIÃO

A melopéa fagueira Da Pomba, no ramo incerto, Para ouvi-la de mais perto Rosa trepou na figueira ; Sentindo-a, vòs ligeira A mimosa juriti ; Eu correa para ali A ver a Rosa trepada ; Ella em cima não viu nada E eu de baixo a pomba vi. MACARIO SANTIÃO

Deitado fiquei na esteira Ouvindo rumor de ninhos, E doida por passarinhos, Rosa trepou na figueira. Quebrou galhos, fez assuira Sem, contado, ver ali No ninho uma juriti ; De resto, perdendo um salto, Veio ao chão lá de bem alto, E eu de baixo a pomba vi. SOLFERINO

Para o proximo numero offerecamos o seguinte motte : De mano entret não vi nada Ai ! que gostinho, meu bem ! As glossas devem vir um tira, escriptas só de um lado.

Só recebemos até quarta-feira as glossas d'este motte. As que nos chegarem depois, serão inutilizadas.

Modinhas Brasileiras

TALVEZ NÃO CREIAS

(Música do Alcega) I Te talvez não creias no que vou dizer T'ara concorrencia do meu doce amor. Não importa, ó Noite, morno assim te digo Que sonhei contigo transformado em dor. II Entre-abrir as folhas dor teus olhos levei Ao cair das coveas um maná d'Abri! Tu bocca rubra a espiar qualizuma T'ava só perfuma de lilas quasi. III Barchas a sombra do velho mangueira Minha comadreja do Brasil adamae Quando vi dos almos um celote barcheje Vir roubar-te um beijo a estrela poliar. IV E' que em ti f'oi! Santa, todo amor tremala No sentir, no fôlle, no snhar até Tu talvez não creias, mas só tu reanua Todos meus quetzimas, meu amor e lá.

(Collecção GERALDO MAGALHÃES)

Nossa adivinha

« Honey soit qui mai y pense »

ENIGMA

Essa de firma arrofondada, Comprida, rija, dilata, (Quando é natureza aguada Fazer-me té e acaorral), He, avagando uma cãmara, Hu me apresenta arrogante, Se a poia se dilata De minha barba abundante. E se o lator o doajo, Diga-me e vòr passado Que em barba não techo lavaja A qualq'er portu-machado. Nos annos e nas idéas Costumam, q'u.m é p'fencia, Soppir as novidades Metido-me em nito queisa

VERSOS A CONCLUIR

— Minha avó, homem de tarde Quando eu vi a Julietta, Senti um choque tamanho Que até fiz uma..... (?)

Que cintura, minha avó, Faz-me andar em terniquete; Como é moça, com cortez Já deve andar de..... (?)

— Pois nem parece, Lulú, Que frequenta bon roda; Ella é moça e tu bem sabes, Deve gostar humda..... (?)

Joven, moça e com dinheiro; (Preste atenção, meu Lulú) Dove ter muitos e muitos, Muitos e..... DO..... (?)

Por isso don-te um conselho, Tu que és grande espertalhão; Vai namorando a pequena P'ra tirares-lhe o..... (?)

Depois de rico e casado Da ninguém mais precisando, Deixa que falam de ti Não te importes, viri..... (?)

A. A. NATICO

CHARADA SEM NUMERO

Sou encontrado no homem, no rapaz e no menino; sou de diversos tamanhos por ser este o meu destino.

Não quero, porém, que pensem Que só ornamento o homem, Pois, existem, lhas garanta. Mulheres que me consomem.

Sempre que vou p'ra o serviço F' bom durinho, admiravel... Mas quando acabo a função Eu fico molle e imprestavel.

Se qualquer uma mecinba Quer seja feia ou bonita Me fizer endrrezer Faço-a minha favorita.

Dizem que em certas casas A venda franca se acha alguns specimen-mous de couro, panno a borracha.

Eu tenho no nome um O Tenho L, um R e A E terminando por O Tendo tambem em H

FANATICO

CHARADAS ANTIGAS

Grandes as que levam dentro: Na rosa bem acollida-lio galta do seu costado Não lhe vá fazer feio.

Conta um odo não é graça D'essa ouas tento meio: — E saia a vida se pass. Sougo bricando de pass.

CAMBREUSE

Não vá tu como eu acedo, Pallida e linda Noema, Par ser que gozito Que vale inteiro um poema? —

Brejo, solmo e choro N'esta febre apataçada, E moço ai não prefere A palavra comprida.

Consecta pola, amarelado, Que se veja do portu a toca Que só tem coolla e que seja Para ser rubra e mimosa.

DIPARUTE

CHARADAS NOVISSIMAS

O Chico tem uma cousa apertada e cabelluda-1-1

Em cima da castidade da mulher ha um véo-2-3

Tem a Chiquinha uma parte do corpo para tomar leite-1-2

No fundo das castas é que eu embateo-1-1

Em criança tomei de um homem na hora-1-1

Siga para a ultima mulher que lhe amacia a peite-1-1-2

Leva no fim, no fim, do fim 2-2

D. VASCO

No estreito o membro do vello me retrata-1-1-1

SA NETA

CHARADAS A VAPOR

A's d'raitas faz a prima Em noite clara é sabido A's avessas com este homem Que de ha muito é querido-2

DR. CHORA PITANGAS

Porque a mulher esconde isso Que de um lado e do outro tem? Não se vê, ninguém lhe toca Deixa de luxos, meu bem-3

R. RABIAN

LOGOGRIPO

Inferencia do collega Piparote.

Virtude em proclamação-1-6-8-10-12. Mata mulher coarrazo-1-1-10-14-17. Mas o seu coto a restou-4-14-6-9. Na noite do casamento.

N'uma grande tabulação-3-6-8-10-12. Poram morar os meus. E ha planaram pepico. E antes um profuso-1-5-8-11-17.

Bate o mudo disposto Uma moeda qualquer-15-9-11-6-3. E a bundas mulher. Um ajuizo-1 tem gozo-1-9-3-2.

Agora, leitor, preceza No logogrifo não aré E apontez as quant figura Tem feio e custa de um no.

DIMENSA.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O que é? O que é?

Com cor-ta é que em cá não saado, Sem corda não posso andar; Eu com ella nono desando, Hão de m'a dar e tirar.

FRAU G. DURA

Não recebemos as decifrações deste numero até quarta-feira não inutilizadas as que nos chegarem depois.

As decifrações e a lista dos decifradores serão sempre publicadas com intervalo de um numero, recebendo nós o resultado até o dia da publicação do numero antecedente.

As primeiras decifrações daremos, como premio, um volume á escolha da Collecção moderna, bl-

Não experimentaria á sua vista uma impressão de voluptuosas sensualidades, quando só em pensar nelle e por um simples effeito de imaginação, sentia turbado todo o seu ser e tornava-se pallida e nervosa sem saber porque?

Taes eram os pensamentos e os terrores da formosa Clara, quando uma manhã annunciaram-lhe a visita de D. Sandallo Purpurina.

II

Era o Sr. D. Sandallo um velhinho acedado e correctamente vestido, de barba e cabellos completamente brancos, homem intelligente e inauante, corrector de quadros e fabricante de tintas, que fornecia a Clara além dos pequenos objectos necessarios ao seu atelier, os modelos que ella precisava para os quadros.

Homem de muito tacto e bastante avaro, subera enriquecer á custa dos artistas ignorados, nos quizes comprava as telas a baixo preço vendendo-as mais tarde com pinguis lucros.

Doas horas passava aquelle dia no atelier de Clara e tão marhosamente interrogava-a que conseguia arrancar-lhe o seu segredo.

*Realmente não deveria ter-lhes custado muito descobrir, tal

era o estado de animo em que se achava a pobre senhora.

Com que habilidade soube o astuto velho dissipar os justos escrupulos da moça! Com um tacto admiravel e da maneira mais simples do mundo, sacontrou o meio de desvaocer com uma só palavra todos os temores da sua formosa frequera.

Tenho, minha senhora — disse-lhe — o que necessita. Um rapaz elegante, formoso, ou melhor, idealmente conformado, o ideal artistico da belleza masculina; rapaz fino, muito bem educado. Será um pouco caro, é verdade, mas tudo conseguiremos.

— Oh! não me atrevo...

— E porque não? Creio que se atrevera. O modelo que recomendo tem uma qualidade impagavel para o caso...

— Sim?

— O modelo que tenho a honra de propor-lhe é cego de nascença.

— Cego!

O astuto Purpurina puzera o dedo na ferida. Aquella qualidade bastava para dissipar os escrupulos de Clara.

Os olhos effectivamente era o que ella mais temia; e olhar do modelo é o que não poderia sup- portar.

— Mas sendo cego!

JOGO DOS BICHOS



352 -- 680



VÃO ELLE-bom! e-o-5?

LEÃO



860 -- 325



E' bondoso e é pacato, E' amigo dedicado, Mas basta enxergar um gato P'ra ficar de todo irado!

Isto é, sãa pedia vel-o, admiral-o, copial-o á vontade, sem que o modelo se apercebese dos seus rubores e dos seus desal- lecimentos!

Podia vel-o sem ser vista! Que prazer!

Enquanto ás difficuldades ma- tericas é de creer que por motivos que fessam, foram vencidos, por- que ao sahir do atelier o volhote esfregava as mãos satisfeito, em seus olhos maliciosos brillava a alegria e desenhava-se nos seus delgados labios um alegre sor- riso, como se tivesse vendido por authentica uma detestavel copia de Raphael.

III

No dia seguinte, de manhã, chegava o nosso amigo Purpu- rina suado e offegante no quinto andar de uma casa situada em em Chambers, e batia com força á porta do quarto.

— Entre, gritou de dentro uma voz sonora.

D. Sandallo deu volta á cha- ve, empurrou a porta e entrou.

Appareceu-lhe ao olhar ascom- braado a mais pittoresca desordem... No centro da sala via-se uma toca cama de ferro e de- tado nella um rapaz de vinte e cinco a vinte e seis annos.

(Continúa)

UM HOMEM NU'

TRADUÇÃO DE

Vaz Simão

I

(Continuação)

Isto não era difficil. As diffi- culdades matericas são um brin- quedo para uma mulher que quer conseguir os seus fins.

Mas desta idéa fixa surgiu uma lucta grave para ella.

A' força de desojar, de o figu- rar de mil maneiras diversas e de pensar n'elle a todas as horas e pensar secretamente, chegou aquelle modelo a apoderar-se completamente da sua razão e da sua alma.

Aquelle homem, fesse qual fosse, era um desconhecido a que teria de occultar cuidadosamente a todos os olhos... e tomava nos seus olhos as proporções do um amante que se introduz furti- vamente e se occulta com todo o genero de ardies e precauções.

— Um amante, ella!

— Horror!

Além de que um Sr. Sebastião tuals impudico que um Christo,

pôrque o Christo morto não tem os perigos, para o artista, do São Sebastião, que, no fim de contas, é um homem vivo, que soffre, que se agita no petro e que por um sentimento de compaixão tem-se vontade de libertar do seu martyrio.

Teria Clara o valor sufficiente para contemplar serenamente o seu modelo, e transportar para a tela suas formas violentadas e o seu rosto cheio de dor? Supportaria sem rubor o olhar do jovem cravado em seus olhos? O que pensaria elle?

Tudo isto perguntava a si mesma a formosa artista.

E mais, sentia terríveis escrupulos que mordiam-lhe a consci- encia.

Não se misturaria á nobre ambi- ção de realisar uma obra d'arte um sentimento meos puro, uma especie de curiosidade doentia que não tinha senão mui longin- quas relações com a arte? Não se enganaria a si mesma? Por- ventura o seu estado de ener- vamento e languidez, consequen- cia do abandono em que a deixava seu marido, não entraria por muito, no immoderado dese- jo de fazer tal quadro? Não seria o homem, o que ella anclava encontrar no modelo?

PORTARIA

Aquellas pessoas que nos dis-tinguem com sua collabora-ção, fazemos notar outra vez que só no serve o que tiver a adic-ção em obediencia. Não publicamos pseud-onymos immoraes.

As columnas do nos-so jornal são europ-aeas, francezas, mas d'en-tre a collabora-ção que nos for enviada, reservamo-nos o direito de fazer a nossa escolha.

A todos quantos queiram fazer qualquer reclama-ção pedimos o especial obsequio de vir ao nos-so es-criptorio; pois que é para nós completamente impossivel res-ponder á grande quantidade de cartas recebidas.

Expediente

As pessoas, que, do interior, queiram ser assignantes do «Rio Nu», devem remetter, em vale postal, a esta redac-ção, a importância das assignaturas, com os respectivos en-dereços.

Approximando-se a época da reforma de assignaturas, temos o prazer de commu-nicar aos nos-ros assignantes e leitores, que encomendamos á casa Wedells & Co., de Hamburgo, a confec-ção de elegantes carteirinhas que distribuiremos como

PREMIO DO RIO NU

Além desse premio temos mais uma variada collec-ção de romances e obras litterarias, com que brindaremos aos nos-ros assignantes nas seguintes

CONDICÇÕES:

Aos assignantes de anno, uma carteira e um livro á escolha.

Aos assignantes de semestre um livro á escolha.

São estes os livros que des-tinamos aos nos-ros assignantes:

PAULA LUIZA.— O Negro-terio.

A. RAPOSO.— Neurose Mys-tica.

DELIA.— Celeste.

A. CAMINHA.— No Paiz dos Panhess.

F. CRUZ e SOUZA.— Bre-que-ús.

V. DE CASTRO.— Diario de um solteiro.

L. ROBA.— Imagens e Vi-sões.

V. VARZEA.— Rose Castle.

PAULO DE KOCK.— Gustavo e Estroina.

JULIO MARY.— Paixão e Odio.

PAULO DE KOCK.— A meni-na das tres saias.

H. P. ESCRICH.— A Vizinha do Poeta.

PAULO FEVAL.— A Cre-oula.

ANSELMO RIBAS.— A Seara de Rulh.

PAULO DE KOCK.— A Dama brava espartilhos.

ARTHUR AZEVEDO.— A Ca-pital Federal.

AGENTES DO «RIO NU»

Para nos-ros agentes, assignados de ve-za á vez, annuaes e assignaturas de ve-za á vez.

Riant & C.— Holla Horvath Magalhães & C.— Santos A. Oulmarckes—H. Paulo Maximo Garibaldi—Otero Preto Hon-za & Mattal—Campinas M. K. R. Trilceira—Lafayete José Maria José da Silveira—H. João So-za.

Rafael de Almeida—Estação de Púlpitos João Gomes França—Estação de Sta. Rita

Luiz Caranta—Estação de Socego Antonio Fernandes Filho—Abadia de Fi-gueira Francisco Neves—Rua Família de Marinh Antonio José de Carvalho Amarante—Rua do Avatoral Antonio Perreira Mendes—Macona José H. de Saes—Cidade de Oliveira Francisco Ribeiro—Estação de Carlos Go-mes

Francisco Perreira Silva—Estação de Con-ceição Antonio José Teixeira—Porto Novo de Coimbra Antonio Angelo Soares—Donaivado Joaquim de S. Fozes—Jardimopolis José E. Carvalho—Silveira Olympio Gomes Almeida—Estação de Man-queira

Antonio Lopes de Faria—Punta Nova Porcônio Ferreira—Linha de Natio Dente Manoel Soares Costa—Uta Escaldas Ferreira Aguirre—Foz de Iguaçu Sérgio Silva—Visconde de Rio Claro José Augusto Schmidt—Nog. mirim. Laiz Pereira do Amaral—Araraquara. Rixa Telegrapho—Rio Branco. Luiz Teixeira Junior—Itapericris T. Regina Junior—Mogi Benedito Garvaso Marinho—Estação de Caraguatuba.

Luiz Bruno Miroglio—Santo Antonio da Ilha. Othmar Passos—Ribeiro Sazio de Floba. Hilar Tachco—Mittler. Cecilio José da S. Martins—Homem de Guelos. José Matias da Costa—Piraesunganga. Dondeiro A. Ferreira—Itanbom. Antonio da S. Carvalho—Machá. Francisco Malhada da Costa Ferreira—Uba-tuba.

Virgilio de Moraes—Tacheté Norival Lobo—R. José d'Alm Parahyba Antonio de Avila P. Soares—Santo An-tonio de Jusseling. Luiza Cathena da S. Ribeiro—M. de Ro-chedo. Antonio José Godinho—Lapa—Paraná. José Bernardes Rangel—R. José do Paran. Antonio Basilio Pereira—Barr'Anna do Pirapitanga.

José Gomes Junior—Casteló Manoel Alves Cortes Valente—Est. Aurora Marinho José Pereira—R. Sebastião dos Teros Antonio Beano—Conceição do Rio Verde. João da Costa Sol—Rat. da Espora Ignacio Fontes Brantão—Fozes de Caldas Celso José de Carvalho—Parahyba—Planhy.

Germano Christevam Botliers—Pirapitanga de Manhueset. Firmegildo de Paula Vieira—R. Sebastião de Fozes. João Correa Netto Junior—Varnelmo Novo. Francisco Moreira Duarte—Conceição da Barra. Carlos Terra Pereira—Estação de Fozes de Lages.

Estilherme Flecher—Santa Maria—Rio Gran-de do Sul. João da Silva Quadros—R. Sebastião do Sacramento. Jacquino Martins de Andrade—R. José do Tijoco.

Galileo Rolato—Ribeirão Preto. José Lopes de Araujo—Fajagala do Carvallo. João Baptista de Souza—Formiga. José Luis de Oliveira—Dom Socorro de Sebastiana.

Victor Antonio Modesto—R. Miguel de Verissimo. Tite Evangelista Marques Goulmarckes—Rio João do Morro Grande. Arthur Becker & C.—Campes. Cesario Francisco de Souza—Arria-Ba-hia.

João Augusto Loyola—Estações. A. Napoleão Prates—R. Miguel do Joqui-mhonha. Pedro Alves Louzada—Est. de Sahid J. da Costa Lima—Bambury. J. Candido de Souza—R. Crax das Palmeiras.

ANNUNCIOS

CAFÉ JEREMIAS

Deposito e fabrica deste especial café moído

216 RUA SENADOR LUZEBIO 216 Esquina da do Visconde da Sapucahy

BOTEQUIM JEREMIAS

GONORRHEAS

Flores brancas (Neccherber)

Corem-se raticamente em poucos dias, com o Xurope e as pilulas de matien ferruginoso, approvadas pela R. Exa. Jus-ticia hygiene, unico remedio que, pois sua com-pleta innocencia e reconhecida efficacia, podem ser empregados sem o menor receio. Vendem-se unicamente na pharmacia Uruguanina, rua de Uruguanana 102.

Modinhas a 2000 réis — Pescaria. Quiz dehaide varrer-te da memoria, A Multa. Rio Anastacio, Saldado do norte. Canto do sanyo. O Vagabundo. Ao luar. Lullá da Mar-tinhinha. Quando so hum vai-se embora. Viste a lyria de campina. Coração para alugar. Jato hum mas more longe. Serenata. Um pouco de yxy. O augmento das passagens na Estrada de ferro. Iaholia. Al mo sem so en te não amo. Nôra o mar de terra suior. Oh mulher não sorria. cto choro. A primeira do Império chi-zer. Despaite. Parla. So para amar-te fer-zelatez marlyta. Tive oliba arzo. Melalinda do sarço. Tãve não arzo. o Desprezo. Chis-quinha. se en te pediso. A venda no escriptorio desta folha.

Conceitos a 200 réis — A Missa Campal. Do Momo ludo. A rir e rir. Assim. Assim. O Pão Preto. As minhas collegas. O moço amigo Estana. Da Phosphora. Brisa-dalra. Moço fora rapaz. A venda no escriptorio desta folha.

Monologos a 200 réis — Os Cama-rões. O Balaio de Alentejo. Jogo Novo. Des-velos. Os provalhos. Coração no mar. A Terra das Maravilhas. No moço; Coração no mar. No saba. minha sautora? A venda no escriptorio desta folha.

Romances a dez contos — PAULO DE KOCK — O Gueiro. o Estroino. A Dama dos Tres Espartilhos. A Menina das Tres Saes. — ANSELMO RIBAS. — A Seara de Rulh. — PAULO MARY — Cronica. JULIO MARY — Paixão e Odio. H. P. ESCRICH — A Vizinha do Poeta; A venda no escriptorio desta folha.

O RIO NU

No escriptorio desta folha com-pram-se os ns. 2, 4 e 5 a 300 réis o exemplar

CONTOS PARA VELHOS

BOB

UM ELEGANTE VOLUME

CAPA ILLUSTRADA

2000

A VENDA NO ES-RIPTORIO DESTA FOLHA

Remette-se para o interior livre de porte.

THEATRO VARIEDADES

Tendo de se proceder á reforma do panno-annuncio do teatro Varie-dades, communica-se aos senhores an-nunciantes que recebem-se desde já pedidos de espaços, por obsequio, na redac-ção deste jornal.

A NOTRE-DAME DE PARIS

GRANDES ARMAZENS DE FAZENDAS E MODAS Rua do Ouvidor

Largo de S. Francisco de Paula e Travessa do Rozario

VENDA ESPECIAL DE ESPARTILHOS

A administração tem a honra de participar á sua numeroza clientella e ao publico em geral que de hoje até o dia 15 do corrente mez, todos os espartilhos existentes na respectiva acção terão sobre os preços marendos o abatimento de 20%.

Unica nome em todo Brazil que recebe os legitimos espartilhos Lesty.